

AS SIMILARIDADES TRANSLINGÜÍSTICAS E A APRENDIZAGEM DOS *PHRASAL VERBS* DA LÍNGUA INGLESA

RENAN CASTRO FERREIRA¹; ISABELLA MOZZILLO²

¹Universidade Federal de Pelotas – renan.ferreira@hotmail.co.uk

²Universidade Federal de Pelotas – isabellamozzillo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho pretendemos evidenciar a relevância de se pesquisar e discutir a percepção do aprendiz de língua estrangeira (LE) sobre as similaridades translíngüísticas entre sua(s) língua(s) materna(s) (L1) e a língua-alvo (LA). O contato entre seus conhecimentos lingüísticos prévios e a LA leva o aluno a estabelecer relações de similaridade e diferença que permitem a construção de regras na sua interlíngua. No entanto, são as similaridades que parecem ter um efeito muito mais direto na formulação de hipóteses sobre o funcionamento da LA.

Analisaremos a questão das transferências na aprendizagem de LE e as similaridades que os aprendizes percebem e/ou presumem entre suas L1 e a LA, apoiando-nos nos principais estudos sobre contato lingüístico, bilinguismo e aquisição de segunda língua. Estas similaridades, ainda não muito bem estudadas no contexto brasileiro de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, estão no centro dos pressupostos teóricos que compõem nosso ainda incipiente estudo sobre as percepções de similaridades translíngüísticas na aprendizagem dos *phrasal verbs* do inglês. Este estudo será apresentado na última parte da nossa apresentação.

A transferência lingüística é a influência dos conhecimentos lingüísticos que um indivíduo tem de uma língua sobre seus conhecimentos de outra língua (JARVIS & PAVLENKO, 2008). Esta influência pode acontecer em todas as áreas de uso da língua e pode ser tanto da(s) língua(s) materna(s) (L1) para as subsequentes (L2, L3), quanto da L2 ou L3 para a(s) L1. Há ainda a influência entre línguas adquiridas após a(s) L1.

Segundo WEINREICH (1953) e SELINKER (1972), a maior parte dos erros cometidos pelos aprendizes no seu processo de aquisição de segunda língua (L2) vem da interferência das suas L1s. O argumento de que as L1 atrapalham a aquisição de L2 também tem permeado várias políticas lingüísticas hegemônicas, como a dos Estados Unidos em relação à língua inglesa e a da França em relação à língua francesa, e contribuiu para que as L1 fossem marginalizadas nas salas de aula de L2. Um exemplo disso foi o Método Direto, no qual “as línguas dos alunos eram banidas e tudo deveria ser feito através da língua que estava sendo aprendida” (COOK, 2003, tradução nossa). Outras metodologias ou abordagens, como o Método Audiolingual e a Abordagem Comunicativa não ajudaram a mudar essa visão sobre L1. O primeiro prevê o uso mínimo das L1 em sala de aula, em prol da formação de hábitos na L2 através da repetição. A última, por ser uma abordagem sem o rigor de um método “imposto”, não parece proibir nem aceitar as L1s, de forma que, pelo menos no caso do ensino de inglês no Brasil, cada escola adota uma política própria, em geral baseada na ideia de “associar excelência em ensino e aprendizagem de inglês ao não uso do português” (KURTZ-DOS-SANTOS & MOZZILLO, 2013). A transferência só começou a ser vista como um fenômeno cujas consequências vão além da interferência negativa, que leva ao erro, com os estudos de RINGBOM (1978) e HOMBURG (1983), que mostraram que, muitas vezes, ela pode trazer efeitos positivos como a conscientização das diferenças e

similaridades entre as línguas, e levar à aceleração do processo de aquisição da L2.

Um dos principais fatores a determinarem se haverá transferência e como ela ocorrerá é a relação entre a(s) língua(s) que o aprendiz sabe e a LA, e como ele percebe tal relação; a isso chamamos de *similaridade translinguística*. JARVIS & PAVLENKO (2008) definem similaridade translinguística como “a relação ou o grau de congruência entre a língua-fonte e a língua-receptora” (tradução nossa). Estudado desde os anos 1970 (WODE, 1976; KELLERMAN, 1977; RINGBOM, 1978), esse fator tem sido chamado de distância linguística, proximidade tipológica, psicotipologia ou similaridade translinguística, e afeta os processos de compreensão, aprendizagem e produção. De modo geral, o que as pesquisas mostram é que falantes de línguas tipologicamente próximas à LA a compreendem muito melhor do que aqueles que falam línguas mais distantes. A aprendizagem é facilitada, pois o aprendiz associa formas e estruturas entre as línguas e mais rapidamente as inclui na sua interlíngua (ELLIS, 1994). Consequentemente, uma maior taxa de aprendizagem leva a uma maior e melhor produção.

Entretanto, estudos também mostram que, a despeito das reais similaridades tipológicas que possam existir entre suas L1 e a LA (similaridades objetivas), os aprendizes tendem a perceber semelhanças (similaridades subjetivas), existentes ou não, e se utilizam delas para construir hipóteses nas suas interlínguas. As *similaridades subjetivas* são semelhanças que o aprendiz percebe ou acredita existir entre duas línguas. Elas “são a base sobre a qual eles formam identificações interlinguais, que servem como gênese para a maioria dos tipos de transferência” (JARVIS & PAVLENKO, 2008, tradução nossa).

Apoiada no conceito de interlíngua proposto por SELINKER (1972) e no referencial teórico de RINGBOM (2007) sobre a percepção de similaridades translinguísticas, nossa pesquisa, que ainda se encontra em fase inicial, tem como objetivo compreender como os aprendizes brasileiros de inglês-LE percebem similaridades entre sua(s) L1 e a LA, e como estas percepções afetam a aprendizagem de estruturas aparentemente marcadas como os *phrasal verbs*. Estes, apesar de existirem também na língua portuguesa, ainda que camuflados dentro da regência de cada verbo, não parecem ser percebidos translinguisticamente pelos aprendizes. Como a questão das similaridades translinguísticas ainda é muito pouco discutida no contexto brasileiro de pesquisa em ensino e aprendizagem de línguas, nosso trabalho objetiva justamente divulgar este ramo de pesquisa do contato linguístico. O presente trabalho é, portanto, uma discussão dos pressupostos teóricos que nortearão nossa pesquisa, com vistas à divulgação de questões que julgamos pertinentes e importantes para o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras no Brasil.

2. METODOLOGIA

Nosso projeto de pesquisa prevê uma revisão de literatura sobre os estudos de transferência e similaridades translinguísticas entre português do Brasil e inglês, um levantamento das correspondências entre os *phrasal verbs*, construções verbais do tipo “verbo + advérbio” que possuem significados distintos dos verbos em si, ainda que possam ser associados a eles (ex.: *go out* – “sair”; *call off* – “cancelar, postergar”), e construções equivalentes da língua portuguesa. Em seguida, entrevistaremos aprendizes de inglês-LE que tenham português do Brasil como L1 a fim de conhecer suas percepções sobre o grau de semelhança entre português e a LA. O trabalho prevê ainda testes de

desempenho com aprendizes de inglês em diferentes níveis para determinar se uma abordagem de ensino de *phrasal verbs* que encoraje o estabelecimento de similaridades translinguísticas percebidas e/ou presumidas pode facilitar a aprendizagem destas estruturas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como encontra-se em fase inicial, nosso trabalho ainda não pode apresentar resultados quanto ao papel das similaridades translinguísticas na aprendizagem de LE. As informações que já podemos inferir a respeito de possíveis similaridades translinguísticas percebidas e/ou presumidas vêm da nossa própria experiência como aprendizes de inglês e da nossa prática docente.

RINGBOM (2007) argumenta que, depois de cruzado certo limiar de similaridades percebidas, o aprendiz passa a presumir que existam similaridades onde ele ainda não foi capaz de notar. Por exemplo, imaginemos que um falante de português-L1 que esteja aprendendo inglês tenha *percebido*, durante tarefas de compreensão, similaridade translinguística entre o sufixo português que designa agente ou profissão “-or” e o seu equivalente em inglês “-er” nas seguintes palavras: cantor – singer, trabalhador – worker, jogadoror – player, escritor – writer, pintor – painter. O aprendiz poderia então formular na sua interlíngua uma hipótese sobre o funcionamento da morfologia do inglês e, ao tentar produzir nesta LA, poderia *presumir* que a similaridade se estende a outras palavras. Assim, a tentativa de produzir a palavra que designa “aquele que lê” a partir do verbo *read* resultaria em *reader*, a palavra certa em inglês para “leitor”. Por outro lado, ao buscar formar a palavra que significa “aquele que cozinha” a partir do verbo *cook* formaria a palavra *cooker*, que não quer dizer “cozinheiro”, mas “fogão”. Enquanto as similaridades subjetivas (percebidas e/ou presumidas) levam o aprendiz a fazer uso da transferência, as similaridades objetivas ditam quando ela será positiva ou negativa.

Nossa pesquisa encontra-se no estágio de levantamento das equivalências entre as construções chamadas *phrasal verbs* em inglês e suas correspondências em português. A partir deste levantamento, analisaremos como as percepções translinguísticas dos aprendizes de inglês-LE falantes de português-L1 afetam a aprendizagem dessas estruturas. Os aprendizes em questão aparentemente percebem os *phrasal verbs* como construções específicas da língua inglesa, ainda que elas também existam na sua L1, como brevemente exemplificado nas comparações da Tabela 1. Pretendemos confirmar esta hipótese e determinar se uma abordagem bilíngue de ensino (que leve em consideração e faça uso das similaridades translinguísticas) poderia facilitar a aprendizagem dos *phrasal verbs*.

Tabela 1. Verbos e *phrasal verbs* do inglês e suas equivalências em português.

<i>Phrasal verb</i> na língua inglesa	Sinônimo simples (uma palavra só) e cognato	Verbo equivalente na língua portuguesa	Possível “ <i>phrasal verb</i> ” equivalente na língua portuguesa
<i>go against</i>	oppose	opor-se	<i>ir contra</i>
<i>throw out</i>	discard	descartar	<i>jogar fora</i>
<i>go after</i>	pursue	perseguir	<i>ir atrás de</i>

O que já nos parece evidente, entretanto, é o fato de que nem aprendizes nem professores de inglês parecem perceber que a língua portuguesa também tem seus *phrasal verbs*, e que essa semelhança entre as línguas mostra que elas são mais próximas do que imaginam.

4. CONCLUSÕES

A transferência linguística é uma das estratégias mais frequentemente empregadas pelos aprendizes para facilitar sua aquisição de L2, e está no centro dos processos responsáveis pelo desenvolvimento da interlíngua (RINGBOM, 2007). Entendemos que uma melhor compreensão sobre a influência e a similaridade translinguística poderia levar à conscientização sobre o real papel e importância das línguas-maternas no ensino e aprendizagem de L2, especialmente em lugares como o Brasil, onde ainda prevalece uma visão behaviorista negativa de que a L1 interfere na aquisição de L2.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARD, J.; HOMBURG, T. 1983. Verification of language transfer. In: S. Gass & L. Selinker (Eds.), ***Language transfer in language learning*** (pp. 157–176). Rowley, MA: Newbury House.

COOK, G. **Applied linguistics**. In: H. G. WIDDOWSON. (Ed.) Oxford Introductions to Language Study Series. Oxford, UK: OUP, 2003.

ELLIS, R. **The study of second language acquisition**. Oxford, UK: OUP, 1994.

JARVIS, S.; & PAVLENKO, A. **Crosslinguistic influence in language and cognition**. New York/London: Routledge, 2008.

KELLERMAN, E. Towards a characterization of the strategy of transfer in second language learning. **Interlanguage Studies Bulletin**, 2, 58-145. 1977.

KURTZ-DOS-SANTOS, S. C. ; MOZZILLO, I. O fenômeno das línguas em contato na comunicação intercultural. In: BRAWERMAN-ALBINI, A.; MEDEIROS, V. S. (Org.). **Diversidade cultural e ensino de língua estrangeira**. Campinas, SP: Pontes, 2013, p. 163-177

RINGBOM, H. On learning related and unrelated languages. **Moderna Språk**, 72, 21–25. 1978.

_____. **The importance of cross-linguistic similarity in foreign language learning**. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2007.

SELINKER, L. Interlanguage. **IRAL**, v. 10, p. 209-231. 1972.

WEINREICH, U. **Languages in contact**. The Hague: Mouton, 1953.

WODE, H. Developmental sequences in naturalistic second language acquisition. **Working Papers on Bilingualism**, 11, 1-13. 1976.